

# TENSÃO ENTRE OS EMPRESÁRIOS

**Alguns já admitem a saída do presidente, mas arriscam poucas previsões.**

A "sexta-feira negra", como chegou a ser classificada a movimentação na semana passada em torno dos cheques encontrados por membros da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), ajudou a reforçar a posição de vários empresários que, informalmente, admitem a saída do presidente Fernando Collor. "Já estamos rezando para que isso seja rápido e de uma maneira negociada, que não passe pelo *impeachment*, pois a economia não agüenta", comentou um deles. Apesar dos recados de tranquilidade transmitidos pela equipe econômica, o clima de tensão permanece.

São poucos os que se arriscam a fazer previsões para o segundo semestre, o esgotamento da austera política monetária preocupa e há receios de que a discussão da reforma fiscal no Congresso leve mais tempo do que suportaria a política econômica. Nesse contexto, a necessidade de uma "sintonia fina" entre lideranças empresariais e o ministro Marcílio Marques Moreira ganha for-



Arquivo/AE

**Lafer Piva: grandes desafios.**

ça por parte dos empresários, com o primeiro passo sendo dado esta semana, em um jantar que será realizado em São Paulo (veja ao lado).

A atividade econômica está dividida, com alguns setores recuperando parte de sua capacidade ociosa e outros enfrentando forte queda de vendas, na avaliação do presidente do Sindicato da Indústria de Autopeças (Sindipecas), Cláudio Vaz.

No seu caso, o impulso foi dado pelo acordo do setor automotivo, que poderá garantir estabilidade de produção no segundo semestre. "Além disso, as exportações de veículos e peças cresceram cerca de 30%, principalmente pelas compras feitas pela Argentina", observa.

Vaz considera que o exemplo do acordo na cadeia automotiva deveria estimular outros setores, "pois é um bom caminho". O empresário Roberto Nicolau Jephá, diretor da Fiesp, defende essa posição para que o segundo semestre não envolva nem crescimento explosivo da inflação nem aprofundamento da recessão.

Em qualquer hipótese, "com Collor ou sem Collor", os empresários querem, no mínimo, a manutenção do programa de modernização do País. Eles acreditam que muitos passos foram conseguidos durante o governo Collor, como a aprovação do projeto de concessão de obras públicas e modernização dos portos, e não querem ver esse programa alterado com a crise

política. Apesar de muitas ressalvas à continuidade da recessão a figura de Marcílio é considerada como de credibilidade para levar adiante esses projetos.

"Os desafios, entretanto, são grandes. Se permanecer a recessão, com um governo sem credibilidade, há um grave risco social, com aumento do desemprego, e torna ainda mais difícil a situação das empresas", analisa Horácio Lafer Piva, diretor da Klabin e também da Fiesp. Ele considera que se o governo ceder na sua política monetária terá de ter sintonia com o mercado para evitar crescimento da inflação.

Na opinião do ex-ministro Maílson da Nóbrega, não haverá demanda suficiente no segundo semestre para colocar em risco a inflação. Já o empresário Olacyr de Moraes, do grupo Itamarati, considera que com uma taxa mensal de 23% "está aceso o pavio da bomba", que pode se agravar com a crise política ou com qualquer novo acontecimento no mercado.

**Wanise Ferreira**